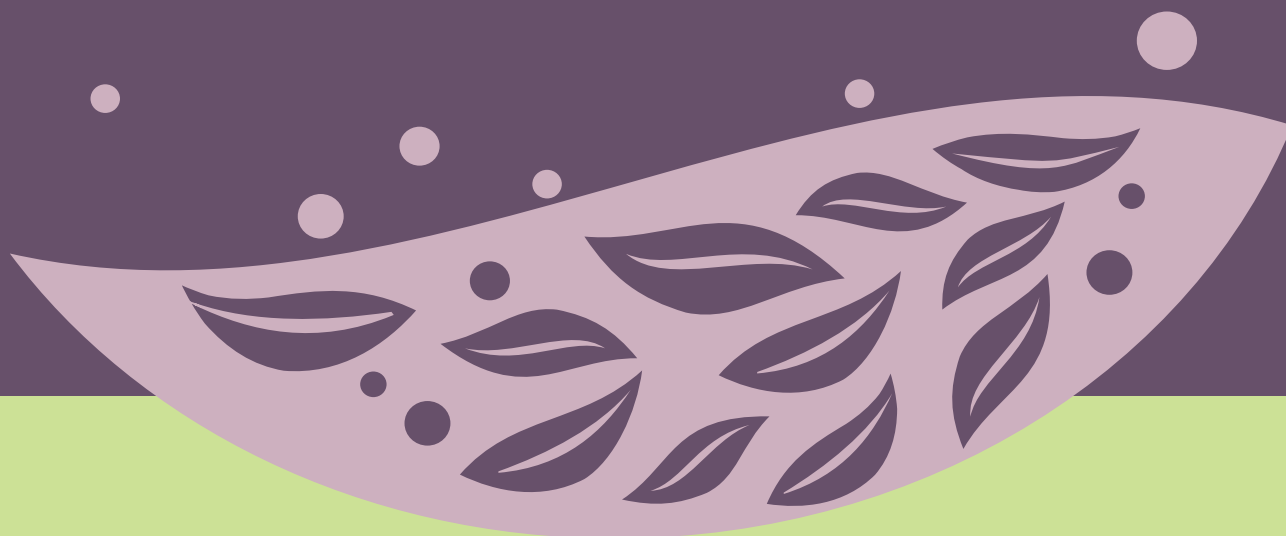


VI SEMINÁRIO DE PESQUISA EM  
LINGUÍSTICA DA UNIFRAN  
**SELINFRAN**

ISSN 2177-9866

MESTRADO



# **VI SELINFRAN**

SEMINÁRIO DE PESQUISA  
EM LINGUÍSTICA DA UNIFRAN

## **LINGUÍSTICA DO TEXTO E DO DISCURSO** **Movimentos do Sentido**

**ANAIS**

18 e 19 de setembro de 2015

FRANCA - SP

ISSN 2177-9864



## UM AUTOR E SUAS FACES: A BUSCA DA CONSTITUIÇÃO DO *ETHOS* RETÓRICO EM CONTOS DE MACHADO DE ASSIS

Andréia Carla Melegati Rodrigues ALVES

Maria Flávia FIGUEIREDO

### RESUMO

Neste trabalho, teremos, como arcabouço teórico, estudos advindos do âmbito da linguística, mais especificamente da área de Retórica e Argumentação. A partir dessa área, contaremos com os conceitos de ethos, de figuras de retórica e também com os conceitos do segundo pilar do discurso retórico, a disposição. A análise, que tem como corpus o conto “O enfermeiro”, do escritor Machado de Assis, objetiva averiguar a constituição do ethos do contista, além das estratégias argumentativas utilizadas pelo orador, com vistas à adesão do auditório/leitor. Para tanto, efetuamos uma análise qualitativa do conto, a fim de apreender os ethe evidenciados. Com essa análise, esperamos contribuir com a ampliação do estudo em torno da constituição do ethos retórico no conto “O enfermeiro”.

**PALAVRAS-CHAVE:** Retórica; ethos; Machado de Assis; conto.

### ABSTRACT

In this work, we have, as a theoretical framework, studies from the scope of linguistics, specifically in the area of Rhetoric and Argumentation. From this area, we will have the concepts of ethos, of the rhetorical figures and concepts of the second pillar of the rhetorical discourse, the disposition. The analysis, whose corpus is the tale “The nurse”, from the writer Machado de Assis, aims to investigate the constitution of the ethos of the storyteller, it also seeks to observe the argumentative strategies used by the speaker, in order to get the auditorium’s/reader’s adhesion. Therefore, we made a qualitative analysis of the tale, to grasp the evidenced ethe. With this analysis, we hope to contribute to the expansion of the study about the constitution of rhetorical ethos in the tale “The nurse”.

**KEYWORDS:** rhetoric; ethos; Machado de Assis; tale.



## INTRODUÇÃO

O objetivo do presente trabalho é averiguar e analisar o ethos retórico do contista/orador Machado de Assis no conto “O Enfermeiro”, o qual constitui o corpus deste trabalho. Para tanto, observar-se-ão as estratégias argumentativas adotadas por ele com vistas à adesão de seu leitor/auditório.

Para empreender a análise retórica, foram selecionados os seguintes autores: Abreu (2009), Aristóteles (2005), Eggs (2005), Ferreira (2010), Fiorin (2014, 2015), Meyer (1993, 2007), Perelman e Tyteca (2005) e Reboul (2004). Acerca da constituição dos gêneros textuais com vistas à compreensão do gênero “conto”, selecionamos Marcuschi (2010) e Costa (2012).

No que se refere aos procedimentos metodológicos utilizados, efetuou-se, em primeiro lugar, uma revisão bibliográfica dos teóricos mencionados; em seguida, procedeu-se à seleção do corpus, a partir da obra machadiana, com vistas à análise do ethos, assim como de sua relação com as demais provas retóricas.

Com esta pesquisa, espera-se: promover a ampliação da discussão em torno do ethos retórico, sobretudo em sua relação com o gênero textual ao qual o corpus selecionado pertence, isto é, o conto; revelar os recursos discursivos utilizados pelo contista/orador no conto em questão, com o intuito de constituir os seus ethe; mostrar as figuras de retórica adotadas por ele com vistas à adesão de seu leitor/auditório.

## A RETÓRICA

O estudo da retórica possui a função, dentro de seu escopo de utilidades, de colaborar com o processo de interpretação de textos. É na retórica que se dá o encontro dos homens e da linguagem na exposição de suas diferenças e de suas identidades. Portanto, pode-se dizer que a retórica é a negociação da distância entre os homens a propósito de uma questão, de um problema.

Segundo Aristóteles, a retórica é uma questão de discurso, de racionalidade, de linguagem; é um discurso que um orador possui e que é adequado a persuadir um auditório. A retórica possui, então, um relacionamento estreito com a linguagem, pois é através desta que a comunicação e a argumentação acontecem.

Sempre que falamos e/ou escrevemos, levantamos uma questão, daí não nos manifestarmos sobre aquilo que é evidente, ou seja, sobre o que não suscita uma questão, consoante Meyer (1993).

Ainda segundo o autor, a Retórica também pode ser entendida como a arte de bem falar, e este advérbio “bem” carrega consigo uma carga rica de sentidos, dos quais podemos citar alguns: persuadir, convencer, criar o assentimento, seduzir ou manipular, sugerir, criar um sentido figurado, descobrir as intenções daquele que se exprime.

De acordo com Aristóteles, esse campo de estudos é sustentado por um tripé constituído por orador/auditório/discurso. O orador é simbolizado pelo ethos (credibilidade de quem fala para ganhar a adesão do auditório).

rio), o auditório refere-se ao pathos (jogo com as paixões e emoções dos ouvintes) e o discurso é simbolizado pelo logos (meio para se atingir a persuasão do auditório).

O orador, que deve inspirar confiança, busca sempre agradar, persuadir, seduzir e convencer seu público, não se importando com a forma utilizada para atingir tais objetivos (MEYER, 1993). Se as afirmações dadas pelo orador são verdadeiras ou não, isso pouco importa, pois o que se faz necessário é que elas passem para o auditório a sensação de verdade e de verossimilhança, como nos diz Ferreira (2010). É por isso que aquilo que o orador considera como sendo verdadeiro tem pouca importância, pois o que realmente se faz relevante é o parecer de seu auditório, de acordo com Perelman (2005).

A eficácia de um discurso está muito ligada à autoridade atribuída ao orador, o qual também pode acrescentar ao seu discurso o seu modo de ser, de agir e de ver o mundo, segundo Ferreira (2010). O autor prossegue dizendo que, para que o orador tenha nas mãos o seu público, o seu auditório, é preciso que ele faça uso correto da técnica e da arte para provocar assentimento às suas teses. Ademais, sua habilidade pode ser medida por sua capacidade de impressionar, de ativar as paixões/emoções nos seus ouvintes e de atrair e prolongar a atenção deste público, buscando sempre estabelecer um acordo com aqueles que o ouvem/leem.

O orador, e também o autor, deve contar com a boa vontade e com o

esforço de seu interlocutor para que as palavras sejam interpretadas de acordo com o que ele quis dizer. Para tanto, o contexto em que o texto foi expresso também deve ser considerado, (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005).

Ainda sobre a noção de *ethos*, temos a seguinte contribuição:

o étos é o caráter que o orador deve assumir para inspirar confiança no auditório, pois, sejam quais forem seus argumentos lógicos, eles nada obtêm sem essa confiança: [...] é um termo moral, “ético”, e que é definido como o caráter moral que o orador deve parecer ter, mesmo que não o tenha... (REBOUL, 2004, p. 48).

Surge, daí, a ideia de que a equidade é a prova que surte maior efeito na argumentação.

A partir do seu discurso, o orador suscita no auditório várias emoções, paixões e sentimentos, e isso é o que chamamos de patos. O *ethos*, então, está relacionado ao orador; o *patos*, ao auditório; e o *logos*, ao discurso, isto é, à argumentação apresentada através do discurso.

Segundo Meyer (2007), *ethos*, *patos* e *logos* assumem uma posição de igualdade. Ele também nos diz que, para os gregos, *ethos* é a imagem de si, o caráter, a personalidade, os traços de comportamento, a escolha de vida e dos fins (daí a palavra ética).

O *ethos* não tem objeto próprio de estudo, mas se liga à pessoa, à imagem que o orador passa de si mesmo, e que o torna exemplar/modelo aos olhos do auditório, e é só assim





que este auditório se dispõe a ouvi-lo e a segui-lo.

Ao ethos do orador é conferida uma autoridade por suas virtudes, por sua conduta; esta autoridade liga-se ao que ele é e ao que ele representa. Uma criança que pergunta ao pai “por quê?” diversas vezes, não está tão interessada nas respostas, mas quer estar segura de que o pai é capaz de responder e de que ela pode se apoiar nele; o ethos é, então, o ponto final do questionamento.

Assim, o ethos não pode, de maneira simplista, ser associado ao orador, uma vez que a dimensão que a palavra ethos abrange é bem maior. Ethos é um domínio, um nível, uma dimensão, por isso ethos não pode ser resumido a um orador que fala a um auditório e nem a um escritor que fala através de um texto.

O orador pode ser prudente ou fingir, mascarar-se ou revelar-se, tudo depende da problemática que ele vai enfrentar. O objetivo principal do orador é mostrar para o outro que este pode confiar nele (orador), conforme Meyer (2007).

Podemos dizer, então, que o ethos nada mais é que a capacidade de pôr termo a uma questão que parece infinita. Para tanto, o orador deve provar que tem um saber sobre o assunto que ele está abordando. É importante que locutor e interlocutor compartilhem do mesmo saber. Tal saber compartilhado nada mais é que o contexto (conjunto de respostas que supostamente orador e auditório compartilham). Sempre há alguém que fala/escreve e que se dirige a outrem, buscando convencê-lo, agradá-

-lo ou colocá-lo a distância.

“O ethos é uma imagem do autor, não é o autor real; é um autor discursivo, um autor implícito.” (FIORIN, 2015, p. 70).

A partir de uma releitura de Aristóteles, Fiorin (2015, p. 71) nos lembra que há três espécies de ethe que podem surgir a partir da descrição do ethos do orador: a phronesis, que significa o bom senso, a prudência, a ponderação, ou seja, que indica se o orador exprime argumentos ponderados e opiniões razoáveis; a arete, que demonstra a honestidade e a sinceridade do orador; e a eunoia, na qual o orador se mostra solidário e amável com o auditório. Essa visão tripartite de ethos será de grande relevância para a análise a ser empreendida.

Uma vez definidas as considerações acerca da teoria que norteia o presente trabalho, passaremos às breves considerações acerca das figuras retóricas.

## FIGURAS DE RETÓRICA

Perelman (apud MEYER, 1993, p. 106) dizia que “o objectivo das figuras é evocar uma presença, reforçá-la ou atenuá-la, fazer ver melhor ou de um modo diferente aquilo que de outra maneira poderia permanecer despercebido ou percebido como inessencial.” Através da figura, a aceitação do argumento pode ser facilitada, pois a figura relaciona-se com o delectare, isto é, com a fruição.

Segundo Fiorin (2014), a retórica, ao voltar-se para o estudo das figuras, passa a considerar os tropos, os

quais indicam uma mudança de sentido. No tropo, cuja unidade básica é a palavra, o sentido literal de um termo é substituído por um sentido figurado, e é por isso que os tropos podem ser chamados de figuras de palavra.

Uma figura que aparece no conto em análise é a prosopopeia ou personificação. Por meio dela, busca-se “um alargamento do alcance semântico de termos designativos de entes abstratos ou concretos não humanos pela atribuição a eles de traços próprios do ser humano.” (FIORIN, 2014, p. 51). A prosopopeia pode ter a dimensão de um sintagma (substantivo e adjetivo) ou de um texto.

Nesse corpus, também percebemos que há uma inversão semântica do que foi dito. Trata-se, portanto, de uma ironia.

Segundo Fiorin (2014) a ironia (do grego eironéia, que significa “dissimulação”) ou antífrase (do grego antíphrasis, que quer dizer “expressão contrária”) é uma figura que consiste num alargamento semântico. Com isso, o sentido é intensificado.

A ironia apresenta uma atitude do enunciador, pois é utilizada para criar sentidos que vão do gracejo até o sarcasmo, passando pelo escárnio, pela zombaria, pelo desprezo, etc. Na verdade, são duas vozes em conflito, uma expressando o inverso do que disse a outra; uma voz inválida que a outra profere. Assim, a ironia é um tropo em que se estabelece uma compatibilidade predicativa por inversão, alargando a extensão sêmica dos pontos de vista coexistentes e aumentando

sua intensidade. (FIORIN, 2014, p. 70).

## FUNÇÕES DA RETÓRICA

Segundo Reboul (1998), a retórica criou uma estética da prosa bastante objetiva, funcional, que diz que aquilo que não tem importância deve ser descartado, inutilizado, pois qualquer artifício pode ser entendido como preciosismo ou vulgaridade e pode prejudicar a persuasão.

Reboul considera que três pontos devem ser conservados para que haja uma conservação do estilo retórico. Estes três pontos correspondem aos três polos do discurso, que são o assunto, o auditório e o orador.

O estilo mais eficaz, mais conveniente, aquele que pode chegar à persuasão é o que melhor se adapta ao assunto. Portanto, o estilo não é algo rígido, mas se moldará conforme o assunto em questão.

Os latinos distinguiam três gêneros de estilo: o nobre (grave), o simples (tenue) e o ameno (medium), que dá lugar à anedota e ao humor. O orador eficaz adota o estilo que convém a seu assunto: nobre para convencer (movere), sobretudo na peroração; o simples para informar e explicar (docere), sobretudo na narração e na confirmação; o ameno para agradar (delectare), sobretudo no exórdio e na digressão. (REBOUL, 1998, p. 62).

Esse esquema tem o intuito de direcionar, de criar um norte, pois não é possível enquadrar o estilo dentro de um esquema, uma vez que a palavra é fugidia. Ao discursar, o orador deve sempre buscar a clareza, a coerência,





a elegância e, sobretudo, a simplicidade, pois o estilo simples é sempre muito apropriado quando se busca convencer, consoante Ferreira (2010, p. 119).

## GÊNEROS RETÓRICOS

Segundo Aristóteles, surgiram três grandes gêneros em retórica, a partir da necessidade de o orador adaptar-se a três espécies de auditório. Esses gêneros têm, então, características específicas que vão ao encontro das necessidades de tais ouvintes, conforme Reboul (2004, p. 45). O gênero epidíctico, também chamado de gênero laudatório, tem estilo atraente, tematiza acerca do belo e do feio e, nele, o auditório (composto por espectadores) desempenha importante papel pelo louvor, aclamação ou censura, podendo manifestar-se pelo “gosto/não gosto”, “concordo/discordo”. No gênero judiciário, cujo auditório é o tribunal, determina-se se uma ação é justa ou não, a partir do ato cometido por alguém. No gênero deliberativo (político), que tem como auditório os membros de uma assembleia, decide-se agir pelo útil ou pelo prejudicial.

O propósito comunicativo do gênero judiciário é atacar ou defender alguém, ver o que foi justo ou não; o deliberativo tem como objetivo aconselhar ou desaconselhar e o epidíctico tem como finalidade a censura ou o elogio.

## CONTO: CONSIDERAÇÕES GERAIS ACERCA DO GÊNERO

Para o nosso objeto de estudo, selecionamos o gênero textual conto.

Essa expressão, “gênero textual”, refere-se a textos materializados que são encontrados em nossa vida diária e que possuem características socio-comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica, de acordo com Marcuschi (2010). Segundo o autor, Bakhtin e Bronckart, na esteira dos autores que tratam a língua em seus aspectos discursivos e enunciativos, afirmam que a comunicação verbal só é possível a partir de algum gênero textual.

Os gêneros textuais “são produtos histórico-sociais de grande heterogeneidade, em função dos interesses e das condições de funcionamento das formações sociais” (COSTA, 2012, p. 24).

Marcuschi (2011) diz também que os gêneros não devem ser entendidos como modelos estanques ou como estruturas rígidas, mas, sim, como formas culturais e cognitivas de ação social corporificadas na linguagem.

Miller (apud MARCUSCHI, 2011) identifica os gêneros como ações retóricas recorrentes, pois acredita que a identificação de um gênero não reside na similaridade de formas, mas nos atos praticados com recorrência. Sendo assim, é a partir da ação que as estruturas são criadas.

Portanto, como os gêneros estão em constante movimento (alguns desaparecem, outros ressurgem sob novos formatos e, ainda, surgem novos gêneros), torna-se difícil estabelecer demarcações entre eles.

O conto é um exemplo de gênero



textual que possui uma linguagem simples, acessível, direta e dinâmica.

De acordo com Costa (2012), esse gênero se caracteriza por ser uma narrativa curta e é escrito em prosa. Ele possui uma configuração material narrativa pouco extensa, com um número reduzido de personagens; os acontecimentos são breves; o enredo apresenta um único drama, um único conflito, uma só história e uma só ação, não sendo possível intrigas secundárias, como ocorre no romance e na novela; o tempo e o espaço são reduzidos, ou seja, o conto apresenta um esquema temporal e ambiental econômico e/ou restrito.

A pequena extensão e a síntese do conto se justificam pelas origens do mesmo, o qual teve início nos “causos populares”, com função lúdica e moralizante. Pode-se dizer, então, que o conto tem suas raízes na cultura oral.

Edgar Allan Poe, em seu livro “A filosofia da composição”, dá-nos pistas acerca do funcionamento do gênero textual conto, afirmando que a relação efeito e extensão é um princípio do conto, pois este não pode ser muito longo e nem demasiadamente curto. Efeito, extensão e desfecho são os elementos que definirão um escrito como pertencente ao conto ou não. Podemos dizer, então, que a eficácia do conto está mais relacionada com a intensidade da narrativa do que com a extensão da mesma; neste gênero, o final é inesperado.

O presente trabalho terá como corpus o conto de Machado de Assis, intitulado “O enfermeiro”. A escolha desse conto se justifica por sua popularidade, pelo fato de o conside-

ramos uma amostragem suficiente para demonstrar como a imagem do orador se constrói por meio do discurso, e por não haver trabalhos realizados na área da Retórica que se reportem à constituição do ethos do orador nos contos machadianos.

Uma vez postas as considerações gerais sobre o gênero, bem como considerada a justificativa da escolha do corpus, passemos às suas especificidades.

## **OBJETO DE ANÁLISE**

### **A) O CONTO E SEU ESCRITOR**

O presente trabalho terá como corpus o conto de Machado de Assis, intitulado “O enfermeiro”.

No conto, a atenção do leitor/audi-tório é capturada a partir da identidade que o mesmo cria com a narrativa e com o encadeamento dos fatos, os quais, por sua vez, dão sentido à trama e envolvem o leitor. Para isso, a verossimilhança dos fatos narrados faz-se imprescindível.

A trama do conto é objetiva e linear. Os acontecimentos são narrados a partir de uma sequência lógica e devem proporcionar ao leitor a ideia de proximidade com a realidade, ou seja, os fatos devem reportar o interlocutor a situações verossímeis, isto é, passíveis de acontecerem.

O diálogo também é fundamental no conto, pois é a partir dele que a discordância e o conflito evidenciam-se na história.

Dentro da obra machadiana, os contos não são menos importantes que os romances, uma vez que abordam temas fundamentais vividos





pela sociedade brasileira.

No conto, a ação humana está submetida aos costumes da sociedade, aos sentimentos e aos interesses individuais das personagens, de acordo com John Gledson (2006).

Segundo Antonio Cândido (1995), Machado tinha um modo peculiar de deixar as coisas no ar, criando, inclusive, perplexidades não resolvidas, o que o torna moderno e instigante até hoje. Em seus contos, é possível perceber a relevância de sua obra, a partir da crítica neles presente e pela atualidade dos temas que são focados; daí podermos afirmar que sua obra é contemporânea.

## **B) “O ENFERMEIRO”**

Vejamos, de forma sucinta, a trama que envolve o conto selecionado:

No conto “O Enfermeiro”, Procópio conta um episódio de sua vida quando está à beira da morte. O fato ocorreu quando ele foi trabalhar como enfermeiro na casa do coronel Felisberto, um homem insuportável, rabugento e mau. Vários enfermeiros haviam trabalhado na casa, mas ninguém suportava Felisberto.

Nos primeiros dias de trabalho de Procópio, o coronel comportou-se bem, mas, passados alguns dias, o ancião começou a ofender e até a agredir fisicamente o enfermeiro, que decidiu abandonar o emprego.

Felisberto pediu insistentemente para que Procópio não saísse, e ele, então, decidiu ficar. Depois, por várias vezes, o enfermeiro tentou sair do emprego, mas não conseguiu.

Certa noite, quando o doente es-

tava irado, acabou jogando um prato de mingau em Procópio, que conseguiu desviar. Mais tarde, o ancião arremessou-lhe uma moringa e acertou-lhe o rosto. Procópio, enfurecido, acabou esganando o velho.

O enterro se deu sem que ninguém desconfiasse do ocorrido, pois Felisberto já era muito doente.

Certo dia, quando Procópio já se encontrava no Rio de Janeiro, recebeu uma carta do vigário dizendo que o testamento do falecido fora achado e que Procópio era o único herdeiro. Procópio, a princípio, pensou em recusar a herança; depois, decidiu aceitá-la com a condição de doá-la aos pobres.

Por fim, fez apenas algumas caridades e ficou com a herança, pois conseguiu convencer a si próprio de que Felisberto não tardaria a morrer e que ele havia apenas se defendido dos ataques do enfermo.

## **ANÁLISE DO CONTO “O ENFERMEIRO”**

### **A) NA INSTÂNCIA DO LOGOS**

Daremos início à nossa análise a partir da instância do logos.

Como nos diz Meyer (1993), uma questão surge sempre quando há uma causa a defender, ou seja, um problema se levanta e, com ele, também aparecem respostas. A partir daí, uma discussão se inicia e buscamos respostas para o problema levantado.

Para expor a resposta ao problema, o orador faz uso da disposição, pois ela o ajuda a estruturar e a colo-

car as ideias em ordem. A disposição é o segundo pilar do discurso retórico, e abarca o exórdio (introdução), a narração (desenvolvimento), a confirmação e a peroração (conclusão).

No presente conto, observamos que o orador, através da disposição, faz um plano para conduzir o auditório, dispondo seu discurso da melhor maneira possível para persuadir esse auditório.

O trecho responsável pelo exórdio, que busca atrair a atenção do leitor, é:

*Parece-lhe então que o que se deu comigo em 1860 pode entrar numa página de livro? Vá que seja, com a condição única de que não há de divulgar nada antes da minha morte.*

A narração ocorre em primeira pessoa:

- Procópio (o enfermeiro) conta que foi trabalhar em casa do coronel Felisberto;
- O coronel era insuportável e maltratava os enfermeiros;
- Procópio esganou o coronel;
- Felisberto deixou sua herança para o enfermeiro.

A confirmação é evidenciada em:

*Era um homem insuportável, estúrdio, exigente, ninguém o atuava, nem os próprios amigos. Gastava mais com enfermeiros que remédios. A dois deles quebrou a cara;*

*Tinha perto de sessenta anos, e desde os cinco toda a gente lhe fazia a vontade. Se fosse só rabugento, vá; mas ele era também*

*mau, deleitava-se com a dor e a humilhação dos outros;*

*Crime ou luta? Realmente, foi uma luta em que eu, atacado, defendi-me, e na defesa... Foi uma luta desgraçada, uma fatalidade.*

E a peroração é constatada na passagem:

*Os anos foram andando, a memória tornou-se cinzenta e desmaiada. Penso às vezes no coronel, mas sem os terrores dos primeiros dias. Todos os médicos a quem contei as moléstias dele foram acordes em que a morte era certa, e só se admiravam de ter resistido tanto tempo. Pode ser que eu, involuntariamente, exagerasse a descrição que então lhes fiz; mas a verdade é que ele devia morrer, ainda que não fosse aquela fatalidade.*

Nesse conto, averiguamos que a atenção do leitor/auditório é capturada a partir da identidade que o mesmo cria com a narrativa e com o encadeamento dos fatos.

O diálogo foi fundamental no conto, pois foi a partir dele que os fatos evidenciaram-se na história.

Observamos que a ação humana foi submetida aos sentimentos e aos interesses individuais de cada personagem.

Em “O enfermeiro”, o orador também faz uso da figura de retórica chamada prosopopeia, buscando facilitar a aceitação do argumento e possibilitando ao leitor o delectare.

Eis algumas passagens que demonstram a presença dessa figura no conto:





- *Gastava mais enfermeiros que remédios;*

- *riso maligno;*

- *feições que eram duras;*

- *as relações foram se tornando melindrosas;*

- *escassa dose de piedade;*

- *fermento de ódio e aversão;*

- *delírio vago e estúpido;*

- *Parecia-me que as paredes tinham vultos;*

- *escutava umas vozes surdas;*

- *O mesmo som do relógio, lento, igual e seco, sublinhava o silêncio e a solidão;*

- *a memória tornou-se cinzenta e desmaiada.*

A figura de retórica ironia está presente também. Ela pode ser evidenciada no fato de Procópio ir trabalhar na casa do coronel Felisberto com o objetivo de ajudá-lo a cuidar de sua saúde, mas o enfermeiro acaba provocando sua morte. Como se isso não bastasse, toda a herança do coronel acaba nas mãos de Procópio.

## B) NA INSTÂNCIA DO *PATHOS*

O *pathos* é fonte de questões, as quais podem estar relacionadas às paixões, às emoções ou às opiniões. E o que é “paixão” em retórica? Quando temos uma questão a ser respondida, há pelo menos duas respostas possíveis, o sim e o não e, em retórica, esse sim ou não pode ser expresso em prazer ou desprazer. A paixão começa pela expressão

subjetiva de uma questão vista pelo ângulo do prazer e do desprazer e, enquanto resposta, torna a questão em algo particular, subjetivo. Dessa forma, o esquema prazer/desprazer é ultrapassado.

A paixão transfere o problema para o plano da resposta; ela cria uma identidade entre pergunta e resposta e, neste caso, a pergunta passa a ser tratada como resposta, e isso anula toda problematicidade. Quanto mais estivermos na paixão, mais teremos resposta para o que está em questão, e isso nos leva a cair na ilusão. A paixão é retórica justamente por enterrar as questões nas respostas que fazem crer que elas estão resolvidas, conforme Meyer (2007 p. 36-38).

Meyer (2007), retoricamente falando, também nos diz que lidar com as paixões é mais útil, pois elas são muito importantes para mobilizar o auditório.

Na recepção de uma mensagem, sempre há uma lógica que pode ir do prazer retórico à convicção fundamentada na razão. Muitas vezes, essa lógica se mistura com o prazer e já não é mais possível distinguir paixão e razão.

Mas na lógica das paixões há mais do que uma vontade de saber fazer. Frequentemente há uma preocupação de se convencer a si mesmo da solução escolhida entre todas aquelas que a indeterminação da questão autorizava. (...) Ao longo de um raciocínio somos levados a invocar argumentos implícitos, nos quais acreditamos, aliás, para chegar à

conclusão de que estamos convencidos ou de que vamos vencer-nos. (MEYER, 1993 p. 144-145).

A citação acima é observada no conto “O enfermeiro”. A atitude mais intensa apresentada na narrativa ocorre no momento em que Procópio, o enfermeiro, estrangula o coronel Felisberto. A atitude do enfermeiro está totalmente dominada pela ira, ou seja, o narrador age impulsionado pela paixão, pela emoção.

Após esse fato fatídico, Procópio busca vários argumentos que sejam capazes de justificar sua atitude, como observamos nas seguintes passagens:

*Crime ou luta? Realmente, foi uma luta em que eu, atacado, defendi-me, e na defesa... Foi uma luta desgraçada, uma fatalidade. Fixei-me nessa idéia. E balanceava os agravos, punha no ativo as pancadas, as injúrias... Não era culpa do coronel, bem o sabia, era da moléstia, que o tornava assim rabugento e até mau... Mas eu perdoava tudo, tudo... O pior foi a fatalidade daquela noite... Considerarei também que o coronel não podia viver muito mais; estava por pouco, ele mesmo o sentia e dizia. Viverei quanto? Duas semanas, ou uma; pode ser até que menos. Já não era vida, era um molambo de vida, se isso mesmo se podia chamar ao padecer contínuo do pobre homem... E quem sabe mesmo se a luta e a morte não foram apenas coincidentes? Podia ser, era até o mais provável; não foi outra coisa. Fixei-me também nessa idéia;*

*Todos os médicos a quem contei a moléstia dele foram acordes em que a morte dele era certa, e só se admiravam de ter resistido tanto tempo.*

Nesses trechos, fica claro que o narrador-personagem não consegue distinguir paixão e razão, pois busca convencer a si próprio de que a atitude que tomou não foi tão ruim assim. Ele acaba fazendo uso de diversos argumentos para chegar a uma desculpa satisfatória e convincente para seu ato.

### C) NA INSTÂNCIA DO *ETHOS*

No texto em análise, verificamos, também, o que chamamos de *ethos*. O *ethos* liga-se à imagem que o orador passa de si mesmo e que lhe permite tornar-se exemplar diante do auditório.

No conto “O enfermeiro”, o orador argumenta com honestidade e sinceridade, apresentando-se como alguém simples e sincero, expondo seus pontos de vista com bastante franqueza.

O orador desse conto constrói suas provas muito mais com os recursos do *ethos*.

Faz, portanto, uso da arete, que é a virtude do *ethos*, na qual o orador é digno de crédito; a honestidade contribui muito para a persuasão.

Vejamos as seguintes passagens da narrativa que demonstram nosso ponto de vista:

*Quando tudo acabou, respirei. Estava em paz com os homens. Não o estava com a consciência e*





*as primeiras noites foram naturalmente de desassossego e aflição;*

*Outro fenômeno interessante, e que talvez lhe possa aproveitar, é que, não sendo religioso, mandei dizer uma missa pelo eterno descanso do coronel, na igreja do Sacramento. Não fiz convites, não disse nada a ninguém; fui ouvi-la sozinho, e estive de joelhos todo o tempo, persignando-me a miúdo. Dobrei a espórtula do padre, e distribuí esmolas à porta, tudo por intenção do finado. Não queria embair os homens, a prova é que fui só;*

*Quer que lhe diga? Eu, a princípio, ia ouvindo cheio de curiosidade; depois, entrou-me no coração um singular prazer, que eu, sinceramente, buscava expelir... E o prazer íntimo, calado, insidioso, crescia dentro de mim, espécie de ténia moral, que por mais que a arrancasse aos pedaços, recompunha-se logo e ia ficando.*

Nesse conto, observamos também a preponderância do gênero judiciário, pois a história narrada dá margem a um julgamento da atitude da personagem Procópio. O auditório, formado pelos leitores do conto, pode tanto defender o enfermeiro como condená-lo pela atitude apresentada na narrativa, pois Procópio estrangula o coronel Felisberto. O tempo verbal utilizado na história é o tempo passado, bastante comum nesse gênero.

Na análise desse conto, tratamos de apresentar as provas retóricas (ethos, pathos e logos) utilizadas pelo orador com vistas à adesão de seu auditório/leitor.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos que seja importante salientar que foi necessária a realização de uma análise retórica acerca do tripé retórico, constituído pelo ethos, pathos e logos, para que chegássemos à essência do ethos retórico apresentado no conto machadiano em estudo.

Em “O enfermeiro”, o orador mostra-se simples, honesto, franco e constrói suas provas, preponderantemente, com os recursos do ethos; o que lhe atribui o ethos de arete.

Esperamos, também, com esse estudo, ter contribuído com a ampliação da discussão em torno da constituição do ethos retórico no conto “O enfermeiro”, bem como com a expansão da observação das estratégias argumentativas que o orador utiliza ao buscar a adesão do leitor/auditório.

O exórdio teve um papel importante, uma vez que foi o responsável por tornar o auditório atento e predisposto a ler.

O orador fez uso das figuras retóricas, as quais facilitam a aceitação do argumento, pois elas se relacionam com o delectare, com a fruição.

Observamos também, dentro das funções da retórica, que o orador adotou o estilo ameno, que busca agradar (delectare), e o simples (docere), bastante comum na narração e na confirmação e muito apropriado quando se busca convencer.



## REFERÊNCIAS

- ABREU, A. S. *A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.
- ALEXANDRE JÚNIOR, M. Introdução. In: ARISTÓTELES. *Retórica*. 2. ed. revista. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005. p. 13-64.
- ARISTÓTELES. *Retórica*. Tradução Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto, Abel do Nascimento Pena. 2. ed. revista. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.
- ASSIS, M.de. *Contos: seleção de Deomira Stefani*. 11. ed. São Paulo: Ática, 1985.
- ASSIS, M. de. *A cartomante e outros contos*. São Paulo: Moderna, 1995. p. 43-48; 72-76; 83-88.
- CANDIDO, A. Esquema de Machado de Assis. In: \_\_\_\_\_. *Vários escritos*. 3. ed. revista e ampl. São Paulo: Duas Cidades, 1995. p. 17-37.
- \_\_\_\_\_. *Literatura e sociedade*. 8. ed. São Paulo: T. A. Queiroz/Publifolha, 2000.
- CORTÁZAR, J. Poe: o poeta, o narrador e o crítico In: \_\_\_\_\_. *Valise de cronópio*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974a. p. 103-135.
- \_\_\_\_\_. Alguns aspectos do conto. In: \_\_\_\_\_. *Valise de cronópio*. São Paulo: Perspectiva, 1974b. p. 147-165.
- COSTA, S. R. *Dicionário de gêneros textuais*. 3. ed. rev. ampl. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- EGGS, E. Ethos aristotélico, convicção e pragmática moderna. In: AMOSSY, R. (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. Tradução Dilson Ferreira da Cruz; Fabiana Komesu; Sírio Possenti. São Paulo: Contexto, 2005. p. 29-56.
- FERREIRA, L. A. *Leitura e persuasão: princípios de análise retórica*. São Paulo: Contexto, 2010. (Coleção Linguagem e Ensino).
- FIORIN, J. L. *Figuras de retórica*. São Paulo: Contexto, 2014.
- \_\_\_\_\_. *Argumentação*. São Paulo: Contexto, 2015.
- GLEDSON, J. *Machado de Assis: ficção e história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- \_\_\_\_\_. *Por um novo Machado de Assis: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, Â. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. São Paulo: Parábola, 2010. p. 19-38.
- \_\_\_\_\_. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Orgs.). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. 4. ed. São Paulo: Parábola, 2011. p. 17-31.
- MEYER, M. *Questões de retórica: linguagem, razão e sedução*. Tradução Antônio Hall. Lisboa: Edições 70, 1993.
- \_\_\_\_\_. *A retórica*. Tradução Marly N. Peres. São Paulo: Ática, 2007. (Série Essencial)
- PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. Tradução Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- PIGLIA, R. Teses sobre o conto. In: \_\_\_\_\_. *O laboratório do escritor*. São Paulo: Iluminuras, 1994. p. 37-41.
- POE, E. A. A filosofia da composição. In: \_\_\_\_\_. *Poemas e ensaios*. Rio de Janeiro: Globo, 1987. p. 109-122.
- REBOUL, . *Introdução à retórica*. Tradução Ivone Castilho Benedetti. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.